v7.n5.2026

REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE NA EJA: DESAFIOS DA APLICAÇÃO DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE IST, HIV E AIDS

SEXUALITY EDUCATION IN ADULT AND YOUTH EDUCATION: CHALLENGES IN IMPLEMENTING A TEACHING SEQUENCE ON STIS, HIV, AND AIDS

EDUCACIÓN EN SEXUALIDAD EN LA EJA: RETOS DE LA APLICACIÓN DE UNA SECUENCIA DIDÁCTICA SOBRE ITS, VIH Y SIDA

Alessandra Gomes Sales Hirsch[1], Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda[2]

e757890
https://doi.org/10.47820/recima21.v7i5.7890

PUBLICADO: 05/2026

RESUMO

Este artigo tem como propósito refletir sobre os desafios da Educação em Sexualidade (ES) com alunos da EJA do Ensino Médio, em especial, quanto ao ensino de IST, HIV e Aids. A reflexão que apresentamos integra uma dissertação de mestrado que relata uma pesquisa-ação realizada com uma turma de jovens e adultos de uma escola estadual da região metropolitana de São Paulo. Neste artigo, apresentamos a Sequência Didática desenvolvida e, a partir de alguns resultados da pesquisa-ação, discutimos as especificidades do trabalho com ES nesta modalidade de ensino. Nossos dados mostram que os alunos trazem muitas questões, obstáculos e resistências sobre sexualidade, IST, HIV e Aids. Consideramos que a sequência didática foi um instrumento importante, pois levou em consideração as dúvidas e as dificuldades dos educandos, propiciando um espaço de aprendizado e reflexão. A intervenção didática também evidenciou alguns aspectos do contexto da sala de aula que exigem atenção do docente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação de Jovens e Adultos. Planejamento didático. Sexualidade.

ABSTRACT

The purpose of this article is to reflect on the challenges of sexuality education (SE) with students in the Youth and Adult Education program at the high school level, particularly regarding the teaching of STIs, HIV, and AIDS. The reflection presented here is part of a master's thesis that reports on an action research study conducted with a class at a state school in the São Paulo metropolitan area. In this article, we present the teaching sequence developed and, based on some results of the action research, discuss the specificities of working with SE in this educational setting. Our data show that students bring many questions, obstacles, and resistance regarding sexuality, STIs, HIV, and AIDS. We consider the teaching sequence to have been an important tool, as it took into account the students' doubts and difficulties, providing a space for learning and reflection. The teaching intervention also highlighted certain aspects of the classroom context that require the teacher's attention.

KEYWORDS: *Youth and Adult Education. Didactic Planning. Sexuality.*

RESUMEN

El objetivo de este artículo es reflexionar sobre los retos de la Educación en Sexualidad (ES) con

[1] Mestra em Ensino e História das Ciências e da Matemática pela Universidade Federal do ABC e Licenciada em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Fundação Santo André. Professora da rede estadual de ensino de São Paulo (Seduc-SP).

[2] Doutora e Mestre em Ciências pela Universidade de São Paulo. Licenciada e Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade de São Paulo. Professora Associada na Universidade Federal do ABC.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

alumnos de Educación para Adultos (EJA) de secundaria, en particular en lo que respecta a la enseñanza de las ITS, el VIH y el sida. La reflexión que presentamos forma parte de una tesis de máster que da cuenta de una investigación-acción llevada a cabo con un grupo de jóvenes y adultos de un centro de enseñanza pública de la región metropolitana de São Paulo. En este artículo, presentamos la secuencia didáctica desarrollada y, a partir de algunos resultados de la investigación-acción, discutimos las especificidades del trabajo con ES en esta modalidad de enseñanza. Nuestros datos muestran que los alumnos plantean muchas cuestiones, obstáculos y resistencias en torno a la sexualidad, las ITS, el VIH y el sida. Consideramos que la secuencia didáctica fue un instrumento importante, ya que tuvo en cuenta las dudas y las dificultades de los alumnos, propiciando un espacio de aprendizaje y reflexión. La intervención didáctica también puso de manifiesto algunos aspectos del contexto del aula que requieren la atención del docente.

***PALABRAS CLAVE**: Educación de jóvenes y adultos. Planificación didáctica. Sexualidad.*

INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei 9.394/96, em seu artigo 37, que estabelece que esta modalidade: "[...] será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria" (BRASIL, 1996, p.15). O campo da educação para jovens e adultos tem uma ampla história de fracassos e conquistas. No entanto, para que se possa fazer um recorte necessário ao trabalho, este estudo se insere na perspectiva de que a EJA sempre esteve marcada pelas características e compensações daqueles que estariam à margem da sociedade. Segundo Di Pierro (2017, p. 11):

> O campo focaliza as pessoas jovens, adultas e idosas pertencentes aos estratos sociais de baixa renda cujo direito à educação foi violado na infância ou na adolescência em virtude de preconceitos, de ausência ou distância de escolas, de trabalho precoce e frequência breve ou descontínua a instituições de ensino de má qualidade, onde não tiveram êxito na aprendizagem. Engloba também aquela parcela da juventude que teve acesso a escolas na infância e adolescência, porém não logrou sucesso na aprendizagem, realizando percursos acidentados, marcados por reprovações e abandonos; esses jovens procuram alternativas de reinserção no sistema educativo e aceleração de estudos.

Conforme o Parecer CNE/CEB 11/2000 (Brasil, 2000a) e a Resolução CNE/CEB 1/2000 (Brasil, 2000b), que definem as Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação de Jovens e Adultos, essa modalidade apresenta três funções: reparadora, equalizadora e qualificadora. Restabelecer um direito negado faz parte da função reparadora, na qual se deve oferecer uma escola de qualidade. Podemos dizer também que a função reparadora justifica a importância da presença dos jovens e adultos na escola, além de demandar um modelo pedagógico próprio para satisfazer as necessidades de uma modalidade com tantas especificidades.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Entendemos a função equalizadora como aquela que oportuniza a trabalhadores, donas de casas, imigrantes, aposentados e encarcerados a vivência escolar, além da sua inserção na sociedade. A função qualificadora pode ser considerada o sentido da EJA, no intuito de disponibilizar e atualizar o conhecimento para a vida toda, valorizando o potencial do discente, estimulando o desenvolvimento de novas habilidades, em diálogo com aprendizagens adquiridas em espaços não escolares (Sobrinho; André, 2015).

Felício (2025, p. 4) ressalta que a educação traz benefícios para toda a sociedade e "[...] para o indivíduo, impactando diretamente na renda, empregabilidade e qualidade das ocupações. De forma menos direta ou indireta, os ganhos individuais vão além do financeiro, abrangendo saúde, segurança, participação social e engajamento cívico".

Todavia, reconhecemos que o público da EJA ainda não teve seus direitos conquistados de maneira plena. A desmotivação dos estudantes fica evidente quando entramos em uma sala desta modalidade e nos deparamos com alunos cansados e com fome, pois trabalharam o dia inteiro, uma vez que esses sujeitos têm outras demandas além da escola. Geralmente, quando chegam na unidade escolar, encontram um ambiente muito parecido com aquele que foi abandonado por eles, "[...] pautado em uma lógica elitista e excludente" (Abreu, 2023, p.16). A EJA configura-se, assim, como um espaço educativo que possui em seu cerne o compromisso com o enfrentamento das diversas discriminações e exclusões presentes em nossa sociedade, a começar pela escola (Guimarães; Matos, 2021).

Os desafios são consideráveis, começando pelo perfil dos estudantes: trata-se de adultos portadores de inúmeras experiências, culturas e modos de vida diversos, demandando do docente uma sensibilidade na escolha das metodologias mais adequadas. É imprescindível valorizar e respeitar os conhecimentos trazidos pelos alunos da EJA, incorporando essa bagagem no processo de ensino/aprendizagem, não esquecendo que o currículo e os planejamentos devem ser diferentes do ensino regular, pois do contrário, os educandos poderão apresentar dificuldade de se adaptar, reforçando o ciclo de evasão (Abreu, 2023).

Ao entendermos que a EJA é um local onde as vivências dos sujeitos devem ser consideradas, esses jovens e adultos podem trazer para a escola questionamentos, vivências, tabus e concepções errôneas sobre sexualidade que requerem dos docentes uma abertura para a constituição de um espaço de diálogo e reflexão. Entendemos que a Educação em Sexualidade (ES) no contexto da EJA possibilita não só o acesso a conhecimentos cientificamente embasados, mas também um estímulo à reflexão que pode resultar em uma vivência mais plena e saudável, podendo, em última instância, contribuir com a educação de seus familiares e o seu convívio em sociedade.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Mas, como planejar um conteúdo específico para um grupo com tantas especificidades, sem amparo documental, formativo e de recursos e materiais didáticos específicos para este público? Esta reflexão é o desafio que assumimos no presente trabalho por entender a importância de pesquisas e estudos sobre a EJA, principalmente, em relação à temática da sexualidade. Desta forma, neste texto, temos como objetivo refletir, a partir do relato da experiência de planejamento e aplicação de uma sequência didática, sobre os desafios da Educação em Sexualidade com alunos da EJA do Ensino Médio, em especial, quanto ao ensino de IST, HIV e Aids.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

Educação em sexualidade na EJA e a importância de abordar as IST, HIV E AIDS

Neste trabalho, adotamos uma concepção de Educação em Sexualidade baseada no documento da Unesco (2019), "Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências", o qual estabelece que esta prática pedagógica deve estar ancorada nos seguintes pressupostos: respaldo científico, nos direitos humanos e na igualdade de gênero, adequação dos conteúdos e das atividades à faixa etária do grupo, relevância cultural e com foco na transformação.

Para além disso, entendemos que, na EJA, o trabalho docente precisa ser enviesado por um horizonte freiriano, o que nos aproxima da abordagem emancipatória da ES. Desta forma, falar de sexualidade assume um compromisso com práticas que assegurem a emancipação e o pensamento crítico dos sujeitos em relação ao contexto em que vivem. Essa perspectiva emancipatória se faz urgente e necessária para combater "verdades absolutas" sobre como "SER" e "ESTAR" com os outros no mundo, na atual sociedade capitalista (Melo; Lopes, 2023).

Muitos docentes apresentam uma visão equivocada do que é a ES, já que não foram formados para o trabalho com o tema e não possuem acesso a um currículo e materiais pedagógicos específicos para esta modalidade. Para Gagliotto e Lembeck (2011), a falta de uma formação robusta e o temor de possíveis penalidades na escola, levam os professores a se sentirem inseguros em praticar a ES emancipatória, por isso, acabam por reproduzir um ensino biologizante sobre o tema. Desta forma, tampouco se arriscam por receio de não dar conta da tarefa se temas considerados tabus ou sensíveis aparecerem em discussões na sala de aula.

Para Furlani (2011), a ES emancipatória procura, a partir do conhecimento científico e da seleção de atividades, recursos e estratégias didáticas, abrir espaço para debates e reflexões. Um primeiro ponto que precisa ser questionado é a concepção de que a sexualidade pode ser

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

estudada apenas a partir dos conhecimentos biológicos. Seja para falar de contracepção ou de prevenção de IST, HIV e Aids, é necessária uma abordagem reflexiva, psicológica, histórica e cultural, pois entendemos que o corpo humano é muito mais que um mecanismo biológico e a tomada de decisões na vivência da sexualidade requer que se analise os diversos aspectos que atravessam a questão.

Figueiró (2009) nos ajuda a entender que ensinar sobre sexualidade está muito além das estratégias de ensino, envolve também as atitudes do educador. Na visão de Furlani (2009), a pretensão é contribuir para a emancipação dos estudantes, para que possam viver suas sexualidades de maneira prazerosa e efetiva. É essencial, estimular conceitos básicos como o respeito por si e pelo outro, além da formação de cidadãos responsáveis e conscientes dos seus direitos e deveres.

A sexualidade é "[...] um construto sobre o qual atuam padrões e valores sociais, apresentando marcas de tempo e de espaço que não apenas constituem a história de vida de seus sujeitos, como as transcendem." (Soares; Gastal, 2012, p. 3). Não obstante, falar de EJA significa falar de sujeitos que trazem, para a sala de aula, saberes e vivências distintas quanto às diferentes identidades que constituem o ambiente escolar (Costa, 2017).

Tais saberes, principalmente os ligados à sexualidade, muitas vezes são ignorados na escola, prejudicando "[...] o desenvolvimento da autonomia dos/as sujeitos/as, suas trajetórias de empoderamento e reconhecimento de si" (Costa, 2017, p. 2). Entendemos que os sujeitos da EJA fazem parte de uma grande parcela da sociedade que enfrenta a todo momento preconceitos, discriminação, violências física e psíquica, e que precisa ser acolhida dentro de uma perspectiva para além da normativa e conteudista.

O grande desafio para o professor dessa modalidade consiste na especificidade do grupo, uma vez que podemos encontrar diferentes faixas etárias, além de culturas e níveis socioeconômicos diversos. A cada ano, as salas de EJA estão recebendo um número maior de jovens, fenômeno conhecido como "Juvenilização da EJA", devido à presença massiva de adolescentes e jovens. Souza Filho e colaboradores (2021, p. 723-724) descrevem este perfil discente como um:

> [...] jovem aluno excluído da escola de ensino regular, o qual busca um refúgio na EJA – a via rápida para que possa superar os desencontros vividos na escola, ou mesmo uma solução para os seus problemas – como recurso possível e disponível à inclusão. Não seria absurdo dizer que eles vão à escola sem um propósito, uma expectativa ou um objetivo; estão nela apenas para dar sentido ao que preconiza a lei.

Em 2023, 35% dos jovens até 20 anos não tinham concluído o Ensino Médio (Felício, 2025). Para a autora, este dado se deve a diversos fatores, entre eles, a entrada precoce no

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

mercado de trabalho para ajudar na renda familiar, impossibilidade de conciliar escola e trabalho, dificuldade financeira para se deslocar para a escola, oferta insuficiente de vagas, distância da escola e, até mesmo, a não percepção do benefício de concluir a escolaridade básica. Estes são os potenciais estudantes da EJA do Ensino Médio.

Esse cenário complexo nos leva a refletir sobre como o docente precisa mobilizar seus conhecimentos para propor um processo de ensino aprendizagem que dê conta dessa especificidade. Não obstante, o professor da EJA não dispõe de um material didático específico para a modalidade, tendo que adaptá-los do material do ensino regular, no qual os conteúdos trabalhados fogem da realidade do aluno. Estes livros didáticos e outros recursos, quando abordam sexualidade, tendem a focar sua atenção na descoberta do corpo, nas mudanças da puberdade e no início da vida sexual, configurando sua inadequação para o trabalho com jovens, adultos e idosos.

Podemos observar que a maioria dos alunos têm carência de informações adequadas a respeito da sexualidade, favorecendo o desenvolvimento de concepções errôneas, mitos, tabus e preconceitos. A ES emancipatória pode possibilitar o estabelecimento de uma conexão entre o conteúdo e as vivências desses sujeitos. No entanto, muitos estudantes acham que não é assunto de sala de aula, acreditam que suas experiências são o suficiente para entender e lidar com os assuntos ligados à temática. Neste contexto, ondas conservadoras que vivemos nos últimos anos, como o movimento Escola sem partido, acabam levando uma parcela significativa da sociedade a uma educação pautada na vigília, policiamento e censura a certos conteúdos educacionais, considerados por eles uma contaminação político-ideológica das escolas brasileiras (Santos et al., 2021).

No Estado de São Paulo, não existe um currículo prescrito para EJA, por isso os docentes procuram adaptar a matéria de acordo com aquilo que eles têm maior facilidade ou mesmo o que é mais apropriado para aquela turma. Neste contexto, a ES pode não ser a opção mais escolhida, mesmo porque exige tempo e preparo para abordar os assuntos de forma adequada.

Sabemos que a EJA é organizada por semestres exigindo do professor agilidade para cumprir o seu planejamento e dar conta de abarcar o conteúdo. No entanto, quando o professor faz a opção por falar em ES, ele enfrenta outros desafios. Inicialmente, precisa convencer os educandos da importância da abordagem, utilizando práticas educativas que despertem uma consciência crítica e não apenas um conteúdo biologista. Por exemplo, fatores como o prolongamento da vida sexual, devido ao avanço da tecnologia e da medicina, com o surgimento de reposições hormonais e fármacos, além de próteses para a disfunção erétil, podem levar

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

adultos e idosos a descobrir prazeres e desconstruir tabus existentes na sociedade (Santos et al., 2019). Nesse viés, com a melhora da vida sexual, surgem também as vulnerabilidades dos sujeitos a IST, HIV e Aids, por isso, a necessidade de informação científica, buscando a desconstrução de mitos e tabus que os educandos trazem para a escola.

Por outro lado, os jovens adultos estão em uma etapa de descobertas e estabelecimento de relacionamentos, que podem acarretar dúvidas sobre os assuntos relacionados ao corpo e a sua sexualidade. Além disso, um aspecto controverso que perpassa o tema entre adultos é o uso de preservativos em relações afetivas estáveis (Angelim et al., 2015).

O Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2025 do Ministério da Saúde, por exemplo, aponta que jovens adultos e pessoas com mais de 50 anos são grupos que requerem uma atenção maior quanto a estratégias de prevenção ao HIV, orientação para diagnóstico precoce e quebra de preconceitos (Brasil, 2025a). Em relação à sífilis, os números de detecção de sífilis adquirida continuam a tendência de alta, reforçando a importância de ações educativas na área da Saúde Sexual e Reprodutiva (Brasil, 2025b).

Entendemos que é importante discutir a temática IST, HIV e Aids com estudantes da EJA porque, independente da faixa etária, essas pessoas possuem o direito à vivência plena da sexualidade, com informações confiáveis e elementos para reflexão que permitam uma tomada de decisões fundamentada. Isso pode ser facilitado por uma ES de qualidade, pautada em ações planejadas e cientificamente embasadas, com intencionalidade clara e adequada ao grupo e à faixa etária (Unesco, 2019).

O trabalho com sequências didáticas na EJA

Acreditamos que a abordagem do tema IST, HIV e Aids é um assunto relevante para a educação em sexualidade e desafiador para o docente tratar dentro de sala de aula. Neste sentido, de acordo com Zabala (1998), o professor deve refletir antes de organizar suas aulas, utilizando questões essenciais para orientar a sua prática educativa, como por exemplo: "Para que ensinar? Para que educar? Esses questionamentos têm como objetivo nortear o professor a organizar um fazer pedagógico reflexivo" (Zabala, 1998, p. 21).

Para o autor, um caminho é o trabalho com sequências didáticas (SD), definidas como “Conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos” (Zabala, 1998, p.18). Assim, para “[...] serem configuradas como uma sequência

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

didática, as atividades precisam ser sequenciadas de acordo com uma proposta de progressão de desafios ou de problemas a serem resolvidos pelos alunos" (Brasil, 2006, p. 34).

Ao pensarmos na EJA, um importante obstáculo a ser vencido consiste em aplicar uma sequência de atividades para um grupo heterogêneo que não mantém uma frequência alta nas aulas no decorrer do semestre. Nesses casos, o docente pode encontrar dificuldades em retomar o conteúdo dado na aula anterior, para depois prosseguir com a sequência. Em suma, conforme bem expõe Frigo (2022, p. 82): "Cada um apresenta ritmos de aprendizagem e estruturas de pensamentos diversificados. Uma diferença de interesses, motivações e de atitudes apresentadas por essas especificidades etárias, um verdadeiro conflito de gerações.".

Destarte, não significa que não se possa ter bons resultados na aplicação de SD em uma turma com tantas particularidades, a convivência diária pode propiciar um grande aprendizado entre professores e alunos. Ademais, a SD ideal para a EJA deve ter um material didático pedagógico com uma linguagem específica que atenda à enorme diversidade de pessoas e realidades, desde o jovem até o idoso, com ritmos de aprendizagem, pensamentos e valores variados.

Andragogia, uma aliada no processo de ensino e aprendizagem

Não há possibilidade de tentar ensinar um estudante adulto com as mesmas estratégias didáticas usadas nos Ensinos Fundamental e Médio regulares. Neste contexto, Martins nos ajuda a entender que:

> Quando um adulto é indagado sobre sua vida, ao contrário de uma criança que tem a única responsabilidade na vida escolar, falará provavelmente sobre seu trabalho, família, ou de assuntos relativos às responsabilidades assumidas por ele, pois desenvolvem profunda necessidade psicológica de serem tratados por seus pares como sendo capazes de assumir responsabilidades. (Martins, 2013, p. 35).

Nesse viés, baseamos nosso trabalho no modelo andragógico, no qual a educação é de responsabilidade compartilhada entre o professor e o aluno. A aprendizagem do adulto será significativa se o que ele aprende for útil para a sua vida imediata. Para Martins (2013), a explicação de andragogia segundo Malcolm Knowles é a ciência que busca as melhores práticas para a aprendizagem dos adultos, possuindo seis pilares:

> 1. Necessidade de saber: adultos carecem saber por que precisam aprender algo e qual o ganho que terão no processo.
> 2. Autoconceito do aprendiz: adultos são responsáveis por suas decisões e por suas vidas, portanto querem ser vistos e tratados, pelos outros, como capazes de se autodirigir.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

> 3. Papel das experiências: para o adulto, suas experiências são a base de seu aprendizado. As técnicas que aproveitam essa amplitude de diferenças individuais serão mais eficazes.
> 4. Prontidão para aprender: o adulto fica disposto a aprender quando a ocasião exige algum tipo de aprendizagem relacionado a situações reais de seu dia a dia.
> 5. Orientação para aprendizagem: o adulto aprende melhor quando os conceitos apresentados estão contextualizados para alguma aplicação e utilidade.
> 6. Motivação: adultos são mais motivados a aprender por valores intrínsecos: autoestima, qualidade de vida, desenvolvimento (Martins, 2013, p.145-146).

Os educandos já chegam na escola por um motivo, trazendo experiência de vida, com possibilidade de tomada de decisões. Cabe ao professor diagnosticar as necessidades da turma (Romero; Alves; dos Santos, 2023). No planejamento de uma SD é importante se pautar em alguns detalhes específicos da modalidade de jovens e adultos, recorrendo aos princípios da andragogia.

Assim, começamos pelo tempo, que é escasso. As aulas de Biologia têm duração de 45 minutos, duas vezes por semana, exigindo atividades enxutas que comecem e terminem no mesmo dia, contemplando um objetivo de aprendizagem por vez. Assim, na aula seguinte, podemos retomar o assunto de forma simples, relembrando o objetivo alcançado. Os textos devem ser curtos e de fácil compreensão pelo grupo. Os conceitos devem ser contextualizados. Se o ensino é mais tradicional, com conteúdos e abordagens mais genéricas, o estudante tende a perder facilmente o interesse. Atividades que contemplem momentos para diálogo, como “roda de conversa”, estudos de caso, debates, leitura de notícias e pesquisas, podem ser mais eficazes, pois existe a possibilidade de trocas de experiências, sendo importantes para seu aprendizado a oportunidade de ouvirem e serem ouvidos. O processo de avaliação deve ser mais flexível, quase sempre, os docentes avaliam os estudantes pelo seu desempenho em provas ou testes, sem levar em consideração suas identidades no contexto social.

Ressaltamos que o educador no seu ato de ensinar, não está diante de meros espectadores, que desejam aprender, mas de indivíduos que resistem nos momentos de dificuldades, mas acima de tudo buscam qualidade de vida (Carbone, 2013). Enfim, os adultos conseguem permanecer na escola quando são incentivados a ressignificar o seu passado e refletir criticamente sobre o conteúdo estudado.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

2. METODOLOGIA

Este trabalho é o recorte de uma dissertação de mestrado que teve como objetivo compreender os desafios da Educação em sexualidade com os alunos da Educação de Jovens e Adultos do Ensino Médio, em especial, quanto ao ensino de IST, HIV e Aids. Foi realizada como parte do projeto "Práticas Investigativas para o Ensino de Ciências: Implementação de Clubes de Ciências em Escolas Estaduais a partir de um grupo colaborativo e interdisciplinar", que contou com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), dentro do Programa Ciência na Escola. O protocolo de pesquisa foi registrado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número CAAE 42727720.6.0000.5594.

A pesquisa em questão é do tipo qualitativa, de natureza social com base empírica na pesquisa-ação, especificamente pelo fato dessa interação entre a professora/pesquisadora e seus estudantes da EJA, ou seja, essa reciprocidade entre os sujeitos e a condição da pesquisa. Diante disso, a pesquisa tem como foco a resolução de um problema coletivo, no qual a pesquisadora e aqueles que estão envolvidos na situação estabelecem uma relação muito próxima e buscam de modo cooperativo, resolver um problema.

Este trabalho apresenta uma reflexão na perspectiva da professora/pesquisadora, primeira autora deste trabalho, ao planejar e aplicar a SD com uma turma de 11 estudantes da EJA de Ensino Médio de uma escola pública estadual localizada na região metropolitana de São Paulo. O grupo pesquisado era composto por seis mulheres e cinco homens, sendo uma viúva, quatro solteiros e seis casados. Quanto à idade do grupo, eram cinco alunos com até 25 anos e seis alunos entre 35 e 50 anos. Essa turma tinha um diferencial, todos vieram do Ensino Fundamental da prefeitura da cidade.

A pesquisa-ação foi organizada nas seguintes etapas e ações:

1. Fase Exploratória/Diagnóstica: realizou-se um estudo bibliográfico sobre o público-alvo (alunos da EJA), as IST, HIV e Aids e os tipos de vulnerabilidades para a produção de um referencial teórico para a pesquisa e as interpretações, sendo um pilar para os achados na pesquisa-ação. A coleta de dados foi através de um questionário sondagem, com questões dissertativas, para investigar quais seriam os conhecimentos prévios dos alunos relacionados às IST, HIV e Aids.

2. Fase da ação: Elaboração e execução da SD tendo como base as orientações de Zabala (1998). A construção desta SD seguiu os pressupostos teóricos de que o aluno possa refletir sobre suas atitudes e rever preconceitos, além de ser visto como um sujeito ativo no

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

processo de ensino-aprendizagem. A SD passou por um processo de validação por colegas do grupo de pesquisa, uma vez que esta iniciativa, para Guimarães e Giordan (2013), constitui ferramenta de aprendizagem e análise crítica-reflexiva de sua prática. Cada item foi avaliado pelos integrantes do grupo do projeto de pesquisa em insuficiente, suficiente ou mais que suficiente. Após a avaliação, os itens considerados insuficientes foram retomados para ajustes, resultando na SD que foi aplicada durante seis meses, entre julho e dezembro de 2022, tendo como ponto de partida a questão: “Por que, mesmo com a informação sobre IST e sobre preservativos, tantas pessoas ainda se contaminam no Brasil?”.

3. Fase da Avaliação: Esta etapa foi baseada na retomada da questão apresentada no início da SD aos alunos. Os alunos foram convidados a responder novamente à questão e as respostas nos dois momentos foram comparadas.

Quanto à análise, visando alcançar o objetivo deste trabalho, as produções realizadas durante a intervenção e os questionários respondidos pelos alunos sujeitos desta pesquisa foram analisados em diálogo com as anotações e observações da professora-pesquisadora, tendo como base o ciclo de análise de dados qualitativos descritos por Yin (2016). Os dados foram analisados seguindo a ordem de execução da SD, sendo que as respostas aos questionários e as respostas dadas em aula foram transcritas e organizadas em quadros. Desta forma, a fase de interpretação pode ser considerada como “descritiva com pedido de ação” (Yin, 2016), triangulando os dados e produções com as observações, objetivos didáticos e referenciais teóricos. Neste texto, apresentamos um recorte dessa análise, procurando destacar os desafios e possibilidades para o trabalho de ES com jovens e adultos da EJA.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Visando responder à pergunta inicial deste trabalho, apresentamos os principais resultados e observações de cada etapa da intervenção para posteriormente fazermos um balanço dos desafios e potencialidades encontrados, além de possíveis contribuições para SD futuras.

Etapa diagnóstica

O questionário diagnóstico era composto pelas seguintes questões: 1. O que você entende sobre IST? 2. Descreva as formas de transmissão das IST que você conhece? 3. Como é possível se prevenir das IST? Justifique. 4. Você conhece algumas formas de tratamento de IST? Quais? 5. Quais os tipos de proteção para praticar sexo você conhece? 6. Algumas pessoas

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

acreditam que o preservativo acaba diminuindo o prazer na hora do sexo, o que você pensa sobre isso? 7. Na sua opinião, qual deveria ser a reação de uma pessoa quando seu parceiro/parceira não quer usar preservativo?

As respostas ao questionário foram, em sua maioria, compostas por frases curtas e pouco explicativas. Alguns aspectos podem ter contribuído para esse resultado, como o fato de o questionário ser anônimo e de não ter sido apresentado como um instrumento avaliativo, o teor das questões ter gerado desconforto e constrangimento em alguns estudantes, bem como o tempo deixado para a atividade, uma vez que as orientações ocuparam uma parte significativa da aula. Como os estudantes faltavam muito, não seria possível continuar o questionário na próxima aula, podendo atrapalhar o andamento da pesquisa.

Além disso, observou-se na turma uma limitação para responder o questionário dissertativo, talvez por dificuldades na interpretação ou mesmo na escrita. Constatamos esse obstáculo nas respostas que, em sua maioria, foram compostas por frases curtas e pouco explicativas, dificultando a análise. Contudo, foi possível identificar dúvidas sobre as formas de tratamento e sintomas das IST, HIV e Aids, sobre a diferença entre “doença” e “infecção”, além de respostas que apresentavam indícios de resistência ao uso de preservativos. Estes pontos foram considerados na elaboração da SD.

Etapa da ação

Os Quadros 1 e 2 apresentam a SD conforme planejada e validada no grupo de pesquisa. A seguir, realizamos uma reflexão sobre as principais observações e reflexões feitas em cada etapa da intervenção didática.

Quadro 1. Objetivos, conteúdos e problematização inicial da SD

Objetivos	Descrever as Infecções Sexualmente Transmissíveis IST, HIV E AIDS, sua forma de transmissão e tratamento. Provocar reflexões e mudanças de atitudes, hábitos e comportamentos, em relação ao cuidado com o corpo, na prevenção de doenças e promoção da saúde. Identificar as diferentes formas de preconceitos e qual a importância dos preservativos.
Conteúdos	Atitudinais: conhecimento do próprio corpo, valorização da saúde como condição necessária para o prazer sexual; reconhecer as influências culturais nas características socialmente atribuídas aos gêneros, buscando coibir discriminações a eles associadas; desenvolver a assertividade ao expressar sentimentos e desejos e o respeito aos sentimentos e desejos dos outros. Procedimental: condutas para o sexo seguro; prevenção de infecções sexualmente transmissíveis, inclusive o HIV; desenvolver consciência crítica e tomar decisões responsáveis a respeito de sua vivência da sexualidade; procurar orientação para a escolha de métodos contraceptivos adequados. Conceitual: relações sexuais seguras, prazerosas e responsáveis; biologia dos microrganismos causadores das IST; dimensões biológica, psíquica e sociocultural da sexualidade.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Problematização	Apesar de todo investimento feito em campanhas educativas relacionadas à vida sexual saudável e às IST, HIV e Aids, o número de pessoas adultas contaminadas com essas doenças continua crescendo. O desafio das políticas públicas hoje é incrementar ações, principalmente quanto à sexualidade e a vulnerabilidade às IST, HIV e Aids. Sendo assim, por que, mesmo com a informação sobre IST e sobre preservativos, tantas pessoas ainda se contaminam no Brasil?

Fonte: elaborado pelas autoras.

Os desafios para a produção de uma SD na modalidade da EJA começam pela análise do questionário diagnóstico que, apesar de elucidar alguns pontos a serem trabalhados, contou com respostas pouco explicativas, dificultando a interpretação da professora/pesquisadora. Outro fator a ser destacado foi o calendário escolar, pois na EJA cada semestre é uma etapa da escolaridade, por isso não houve tempo suficiente para abordar todas as atividades que faziam parte da SD planejada inicialmente pela professora/pesquisadora, resultando em deixar alguns textos que demandavam mais tempo para serem lidos pelos alunos como lição de casa.

Quadro 2. Esquema da Sequência Didática produzida a partir das respostas ao questionário diagnóstico e da validação pelos pares, com destaque para a proposta elaborada para cada etapa

Tema	Tempo	Etapas	Avaliação
1 - A Aids não tem cara nem cura	4 aulas	Primeiro momento: Discussão com os alunos sobre a frase “A Aids não tem cara nem cura” Segundo momento: dois vídeos: “A Aids não tem cara e nem cura” https://www.youtube.com/watch?v=87xQMIjMDwA “Sem preconceito: portadores do HIV conseguem levar uma vida normal” https://www.youtube.com/watch?v=6hQX6wqvjkU Segundo Momento: Os alunos responderam às questões: 1. Por que, mesmo com a informação sobre IST e sobre preservativos, tantas pessoas ainda se contaminam no Brasil? 2. Se a Aids é imperceptível aos olhos, como podemos detectá-la?	Análise das respostas dos alunos às questões propostas e nos momentos de interação e discussão.
2 - O que são as IST?	4 aulas	Primeiro momento: Os alunos realizaram uma pesquisa sobre as seguintes IST: sífilis, tricomoníase, herpes genital, gonorreia, HPV e Aids. Segundo momento: completaram um quadro síntese com os dados da pesquisa. Terceiro Momento: Correção do quadro pela professora.	Pesquisa e organização correta dos dados no quadro síntese.
3 - Estudo de casos	2 aulas	Primeiro momento: estudos de caso envolvendo temas como: uso do preservativo, métodos contraceptivos (DIU, Vasectomia), IST, HIV e Aids para resposta individual. Segundo momento: Discussão das respostas pela professora e a turma.	Respostas aos questionamentos.
4 - Mitos e preconceitos	2 aulas	Primeiro momento: Apresentação de imagens sobre mosquitos, amamentação, beijo, utensílios domésticos (copo e talheres), camisinha feminina e masculina para	Produção e organização das

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

sobre o HIV/Aids		discussão com os estudantes sobre mitos e verdades sobre a transmissão do vírus HIV. A partir das respostas dos alunos, a professora conduziu a discussão. Segundo momento: Os alunos assistiram o vídeo “O cartaz HIV positivo” https://www.youtube.com/watch?v=ndmtycASX50 Leitura em casa do texto “5 mitos do HIV que já foram derrubados” https://www.unimedlondrina.com.br/noticias/secretaria/12/12/2019/5-mitos-do-hiv/ Terceiro momento: Em grupos, os alunos construíram cartazes, relacionando a veracidade das informações dos textos com a identificação das fake news. Atividade realizada em casa para entrega na aula final. Textos de apoio: “HIV: sintomas, transmissão e prevenção” https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/sintomas-transmissao-e-prevencao-nat-hiv “Não vamos andar para trás a desinformação mata” https://abiaids.org.br/em-nota-abia-esclarece-duvidas-sobre-transmissao-do-hiv/29054 “Como se contrai o HIV” http://giv.org.br/HIV-e-AIDS/Como-se-Contrai-o-V%C3%ADrus-HIV/index.html	informações no cartaz.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Observamos também que alguns estudantes possuíam dificuldade de interpretação e de escrita, exigindo da docente a elaboração de atividades curtas com vocabulário mais simples, com duração máxima de uma ou duas aulas. Muitas vezes, deixar a atividade para terminar na próxima aula/semana poderia resultar em não ter a participação de todos os alunos que estavam na primeira aula, exigindo da professora um encaminhamento e uma avaliação diferentes daqueles previstos inicialmente.

No desenvolvimento do Tema 1 “A Aids não tem cara nem cura”, identificamos que, pelo fato de muitas IST não apresentarem sintomas, alguns estudantes acreditavam que por isso muitas pessoas deixam de se proteger. Observamos também, dúvidas sobre sintomas e tratamentos para as diferentes IST. Identificamos lacunas no conhecimento sobre IST e Aids, quando associam a doença com a higiene corporal. A maioria dos adultos sabe que a forma mais eficaz contra o vírus do HIV é o uso do preservativo, no entanto, percebemos na discussão que esse conhecimento pode não ser suficiente para uma mudança de comportamento.

Já no Tema 2 “O que são as IST?”, os alunos confeccionaram um quadro síntese para tentar sanar as dúvidas sobre as IST, HIV e Aids diagnosticadas no questionário, o que serviu de apoio para responder às atividades seguintes. Não houve dificuldade por parte dos estudantes em localizar e selecionar as informações em plataformas de pesquisa científica.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Entre as várias situações analisadas, no Tema 3 “Estudo de casos”, um destaque foi que alguns estudantes apresentaram dúvidas quando perguntados sobre o risco de infecções em relações desprotegidas entre mulheres, uma vez que não havia penetração. Eles foram orientados a voltar ao quadro construído, identificando algumas IST e como poderia ocorrer transmissão sem penetração.

Por fim, durante a discussão no Tema 4 “Mitos e preconceitos sobre o HIV/Aids”, encontramos muitas dúvidas nas respostas sobre a transmissão do vírus do HIV, principalmente quanto ao beijo, compartilhamento de copos e talheres e picada de mosquito.

Etapa da avaliação

Seguindo a pesquisa-ação, comparamos as respostas dadas pelos alunos no início e ao final da SD e observamos de imediato que as respostas da segunda aplicação foram mais coerentes e completas (Quadro 3). No contexto geral, analisando as respostas iniciais e comparando-as com as finais, podemos observar uma evolução na escrita dos estudantes. Notamos respostas mais coerentes e com argumentos que, provavelmente, foram desenvolvidos a partir das atividades propostas na SD. No entanto, por falta de tempo, não houve a possibilidade de uma reflexão entre a professora/pesquisadora e os estudantes para comparar as duas respostas e discutir quais seriam os progressos alcançados.

Quadro 3. Registro das respostas dos alunos à pergunta norteadora: “Por que, mesmo com a informação sobre IST e sobre preservativos, tantas pessoas ainda se contaminam no Brasil?”, elaboradas no início e ao término da SD

Aluno	Resposta inicial – dia 29/08/2022	Resposta final – dia 21/11/2022
1	As pessoas não levam a sério o problema que esta doença faz.	Tem pessoas que ainda não sabem se informar sobre o assunto que faz mal para ambas as partes. Ter em mente que se prevenir faz muita diferença para a saúde. Usando preservativo e tendo uma pessoa só para a intimidade. O melhor a fazer é não abusar dessa doença. Faça com seu cônjuge, bem melhor.
2	Porque ainda existem pessoas que não se preocupam e não ligam para nada, por isso que casos de IST vão aumentando.	Eu aprendi que o preservativo ainda é a única opção eficaz contra as IST. E que devemos focar mais sobre isso e se preocupar mais com a nossa saúde e ter mais investimento nessa área que acaba destruindo vidas de pessoas que têm conhecimentos sobre isso, mas na hora de pôr em prática ‘sede’ a vontade do companheiro.
3	Na minha opinião, as pessoas precisam ter consciência e mais responsabilidade, muitas vezes acham que não vão se contaminar e acabam não usando preservativo etc.	O que eu aprendi é que temos que nos conscientizar e se prevenir cada vez mais, porque a doença é real, mas temos que ter responsabilidade. Foi muito bom falar sobre o assunto, aprendi muitas coisas que não sabia.
4	Se contaminam porque não querem usar camisinha.	Os jovens brasileiros não se preocupam em prevenir, acredita que isso nunca vai acontecer. Tem que usar preservativo porque essa doença não tem cara, a

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

		pessoa contaminada leva uma vida normal com coquetel e remédio. A camisinha é a forma mais eficaz.
5	Muitos desconsideram os alertas, por se acharem menos impotentes com o uso do preservativo e após o uso de álcool e drogas, se relacionam no êxtase do momento.	As IST é algo que se divulga demais, e as pessoas ainda continuam se infectando, creio eu por negligência em alguns casos: tipo usuários de drogas, jovens que não buscam informações aos se relacionarem com suas parceiras, muitos estão sob efeito de álcool, drogas etc. Aprendizado é algo que ninguém nos tira, já sabia sobre essas questões, até porque trabalho com jovens e crianças e essas informações são necessárias serem passadas com esclarecimento e responsabilidade. Continuar se cuidando ao máximo, dialogando sempre sobre o assunto com filhos em especial, amigos e parentes
6	Infelizmente no Brasil, mesmo com tantas informações e os preservativos, ainda há um péssimo cuidado nas relações.	No Brasil, muitas pessoas se contaminam ainda por não temer a doença e achar que nunca vai acontecer. Aprendi também a me cuidar melhor, saber os riscos e os efeitos que essa doença traz para as nossas vidas.
7	Pelo fato 'das' doenças serem silenciosas e não apresentarem sinais e sintomas tão rapidamente não existe interesse por parte das pessoas em se proteger e muitos sabendo do risco são irresponsáveis	Aprendi que além da irresponsabilidade de quem não se previne, existem também as doenças silenciosas, que podem ser detectadas depois de um longo tempo. Mas podem ser prevenidas e cuidadas
8	Por falta de comunicação. Com isso o desconhecimento dos jovens e adolescentes em relação a transmissão são frequentes.	Aprendi, que muitas pessoas não têm conhecimento da tamanha necessidade do uso do preservativo. Muitos acreditam que o uso do preservativo é apenas para evitar a gravidez (mulheres), para os homens eu acredito que entendam que não há necessidade. Mas algumas pessoas não têm conhecimento e também não tem ninguém para auxiliá-las.
9	As pessoas não ligam para a doença.	As jovens de 15 anos a 19 anos, estão em uma faixa considerada de maior risco para IST, isso porque a adolescência envolve o desejo de autonomia com relações com muitos parceiros sexuais, uso menos frequente de preservativos e uso de drogas durante a prática sexual
10	Porque as pessoas não se respeitam.	Aprendi que tem muita gente que não tem responsabilidade e nem consciência do que está fazendo. Eu não sabia que não pegava HIV através do abraço (mito) e outras coisas como mitos e verdades. Assim a proteção é a melhor coisa que podemos fazer para nos proteger das doenças.
11	Eu acho que não vai nunca se contaminar.	Porque as pessoas confiam demais nos seus parceiros, parceiras, isso mesmo com toda a informação porque é necessário o uso do preservativo. Ter a consciência que a prevenção é a mais correta, nas aulas eu aprendi meu corpo, minhas regras. Agora me cuido mais, e meu marido também faz exames anuais.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

Podemos destacar como pontos positivos, uma preocupação dos estudantes em relação ao autocuidado e a sua importância quando o assunto é prevenção das IST e HIV. Muitos relatam que aprenderam muito com a SD, ressaltando a importância do conhecimento e a busca de informação em fontes seguras. A preocupação em fazer testes para detectar a infecção pelo vírus do HIV também foi citada. Seis respostas finais citam explicitamente a importância do preservativo como prevenção. Observamos uma preocupação por parte dos estudantes sobre um maior investimento em políticas públicas com o foco para a população jovem e adulta. Analisando a resposta do estudante 10, podemos concluir a desconstrução de um mito ou estigma sobre o HIV quando ele diz: “Eu não sabia que não pegava HIV através do abraço (mito) e outras coisas como mitos e verdades”. Com todos os percalços existentes na EJA e durante a realização da SD, as respostas finais obtidas sugerem que as atividades contribuíram para a construção de uma “consciência crítica” como proposta por Furtado (2013).

E é nesse ponto que podemos dizer que alcançamos o objetivo geral da SD, pois entendemos que os docentes enfrentam muitos desafios na sua prática em sala de aula, necessitando de aportes necessários para dar conta dos contratempos singulares da EJA como: evasão, pouco tempo efetivo de aula, grande número de faltas, calendário escolar, dificuldades na escrita e interpretação, entre outros. Já em relação à SD, percebemos a necessidade de alguns ajustes, principalmente, nas atividades que demandam mais tempo por parte dos educandos em responder, ler textos, refletir e discutir sobre o assunto. De maneira geral, concluímos que os alunos através das atividades tiveram um desempenho progressivo, principalmente no pensamento crítico, relacionados à prevenção, sintomas e tratamentos das IST, HIV e Aids.

REFLEXÃO SOBRE A SD E CONTRIBUIÇÕES PARA A ES NA EJA ENSINO MÉDIO

Na execução da SD, observamos que, em alguns momentos, seria necessário utilizar outras técnicas para alcançar os nossos objetivos. Como se trata de um grupo heterogêneo não apenas em conhecimentos e vivências, mas também em graus de dificuldades e faixa etária, tendo como base Furlani (2011), Martins (2013) e Unesco (2019), apresentamos aqui algumas sugestões com o objetivo de auxiliar outros docentes no trabalho com o tema na EJA:

i. Aulas com começo, meio e fim, sendo planejadas para um tempo menor do que o disponível, deixando eventuais minutos restantes para dúvidas.
ii. Utilizar textos mais curtos e contextualizados em aula, com questionamentos simples, de situações-problemas relacionadas ao dia a dia, entendendo que muitos alunos têm

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

dificuldade de interpretação. Se necessários, os textos mais longos podem ser enviados para leitura em casa. Textos longos com palavras que não fazem parte do cotidiano dos estudantes podem ser uma forma de desmotivar a turma.

iii. Elaboração de uma sequência didática com atividades que valorizem a interação aluno-professor e os conhecimentos e experiências do estudante. Propor atividades que fomentem a reflexão e despertem mais confiança e pensamento crítico. “O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão” (Freire, 2020, p. 40). Mesmo sabendo que, na EJA, encontra-se uma diversidade de perfis relacionados à faixa etária, escolarização e cultura, é necessário valorizar os conhecimentos e experiências que o estudante adquiriu ao longo da vida para o processo de ensino-aprendizagem, oportunizando momentos de fala.

iv. Orientar sobre pesquisas em ambientes seguros e fontes confiáveis e propor atividades que os levem a organizar as informações e refletir sobre elas.

v. Os alunos da EJA trazem diversas experiências que, ao longo dos anos, foram formando suas vidas e construindo suas próprias narrativas. Utilizar uma atividade diagnóstica constitui um instrumento valioso que deve ser usado na elaboração da SD.

vi. Buscar aportes necessários, para dar conta dos contratempos singulares da EJA como: evasão, faltas, limitações do calendário escolar, dificuldades na escrita e interpretação e dificuldades cognitivas, principalmente em idosos.

vii. Elaborar um plano de recuperação para os alunos com baixa frequência, que perdem várias atividades da sequência didática, prejudicando o aprendizado. Sugestões de textos e vídeos de suporte para o conteúdo perdido podem ser usadas para recuperar o que esse estudante perdeu.

viii. A função do professor é proporcionar a compreensão de novos conteúdos. Assim, quando o estudante é adulto e o trabalho é com o tema de ES, se faz necessário utilizar práticas metodológicas andragógicas. Martins (2013, p. 42), enfatiza que “[...] adultos preferem aprendizados que envolvam a solução de problemas, pois há aplicação imediata do aprendizado, por esta razão sentem-se mais comprometidos”. Propor atividades como estudo de casos contextualizados com foco em situações cotidianas fictícias, rodas de conversa, uso de imagens e vídeos explicativos, além da construção de materiais para socialização podem contribuir com a aprendizagem dos discentes.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em sala de aula exige dos docentes não apenas uma formação inicial pautada em conteúdos, mas também uma formação contínua para alcançarmos uma educação de qualidade. Como já discutimos, a EJA constitui-se em um universo heterogêneo de indivíduos motivados por diferentes fatores, exigindo do professor um engajamento muito maior do que no ensino regular.

A ES pode ser usada como ferramenta para esclarecer mitos e dúvidas acerca da sexualidade de indivíduos que trazem para a escola suas experiências e frustrações. Esses educandos têm o direito de receber informações sobre a sexualidade, o corpo e o relacionamento sexual, assim como expressar sentimentos, dúvidas e rever tabus. Em síntese, a função da educação em sexualidade formal na escola ultrapassa o ensino de conteúdos de biologia e fisiologia da sexualidade (Figueiró, 2009). No entanto, não é tarefa fácil para o docente que quer trabalhar com essa temática. Os desafios se manifestam antes mesmo da primeira aula, onde podemos encontrar estudantes receosos sobre a pertinência do assunto, principalmente quando estamos trabalhando com alunos com resistências pautadas em valores, crenças e vivências pessoais.

Outros limitadores são a ausência de recursos e materiais didáticos, de orientações curriculares oficiais e de reflexão sobre as melhores estratégias para o trabalho com esses indivíduos. Por isso são necessários investimentos na carreira docente, pois para o professor sem formação adequada trabalhar com essa temática pode ser algo desafiador, ainda mais com adultos ditos “experientes”. O professor precisa assumir o papel de mediador, saber elaborar atividades capazes de levar o estudante a refletir sobre o tema e argumentar, superando resistências e tabus.

Os resultados do estudo indicaram também que, na EJA de Ensino Médio, ainda encontramos alunos com dificuldades na leitura e escrita, como também ausência de conhecimentos científicos básicos, que se somam aos desafios elencados anteriormente.

Ao longo deste trabalho, apresentamos algumas reflexões e sugestões sobre a abordagem da ES para as salas de EJA. Esperamos com isso fomentar discussões sobre a necessidade da abordagem da temática com jovens, adultos e idosos e contribuir com outros docentes, estimulando pesquisas e mais discussões sobre o assunto.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

REFERÊNCIAS

ABREU, Nádia Rafaela Pereira de. Panorama da EJA: principais desafios e adequações. **EJA em Debate**, Instituto Federal de Santa Catarina, v. 12, n. 22, p. 14-27, jul./dez. 2023. Disponível em: https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/EJA/article/view/3669/. Acesso em: 10 de abril de 2026.

ANGELIM, Rebeca Coelho de Moura; DANTAS, Mariana de Sousa; COSTA, Solange Fátima Geraldo da; FREIRE, Maria Eliane Moreira; ABRÃO, Fátima Maria da Silva. Representações sociais e HIV/AIDS uma revisão integrativa da literatura. **Revista de Pesquisa:** Cuidado é fundamental online, Paraíba, v. 7, n. 4, p. 3.388- 3.405, 2015. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5204802. Acesso em: 10 de abril de 2026.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 de abril de 2026.

BRASIL. **Parecer CEB 11/2000** Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília: 2000a.

BRASIL. **Resolução CEB1/2000**. Diretrizes curriculares nacionais para a educação de jovens e adultos. 2000b.

BRASIL. **Cadernos EJA 5:** Trabalhando com a educação de jovens e adultos – O processo de aprendizagem dos alunos e professores. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico HIV e Aids 2025**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Número especial, Dezembro 2025. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2025/boletim_hiv_aids_2025.pdf/@@display-file/file. Acesso em: 09 de abril de 2026.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico Sífilis 2025.** Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Número especial, Outubro 2025. Disponível em: https://www.gov.br/aids/pt-br/central-de-conteudo/boletins-epidemiologicos/2025/boletim_sifilis_2025.pdf/@@display-file/file. Acesso em: 09 de abril de 2026.

CARBONE, Solange Aparecida Beletato. **Dificuldades de aprendizagem na educação de jovens e adultos: uma reflexão com alfabetizadores da EJA**. Monografia de especialização - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

COSTA, Carolina da Purificação. Gênero e Educação de Jovens e Adultos (EJA): reflexões a partir das orientações curriculares da SEC-BA. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress.** Anais...Florianópolis, 2017, 12 p.

DI PIERRO, Maria Clara. Tradições e concepções de Educação de Jovens e Adultos. In: CATELLI JUNIOR., Roberto (Org.). **Formação e práticas na educação de jovens e adultos**. São Paulo, Ação Educativa, 2017. p. 9-21.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

FELÍCIO, Fabiana de. **A educação que transforma vidas adultas: um estudo sobre o retorno econômico da educação de jovens e adultos no Brasil**. São Paulo, 2025. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/pacto-eja/educaoqtransforma.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2026.

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **Educação sexual: como ensinar no espaço da escola**. Londrina: UEL, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 74. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2020.

FURLANI, Jimena. Encarar o desafio da Educação Sexual na escola. In: SANTOS, DB C; ARAÚJO, D.C. de. (Org.). **Sexualidade**. Curitiba: SEMENTE, 2009. p. 37–48.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula:** relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte. Editora Autêntica. 2011. 190 p.

FRIGO, Flavia. **Sequência didática para o ensino da física térmica: uma proposta baseada nos princípios da andragogia.** Dissertação de Mestrado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2022.

FURTADO, Quezia Vila Flor. **Jovens e o espaço escolar em fracasso: táticas de resistência no processo de escolarização.** Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

GAGLIOTTO, G. M.; LEMBECK, T. Sexualidade e adolescência: A educação sexual numa perspectiva emancipatória. **Revista de Educação (eletrônica) Educere et Educare**, 2011. Disponível em: https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/4802. Acesso em: 10 de abril de 2026.

GUIMARÃES, Rafael Siqueira de; MATOS, Flávio Barreto de. Os corpos e as corpas que a escola não toca: EJA e as dissidências sexuais e de gênero na perspectiva da formação docente. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 26, n. 1, p. 1-15, 2021. DOI: http://dx.doi.org/10.18316/recc.v26i1.7419. Disponível em: https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/7419. Acesso em: 10 de abril de 2026.

GUIMARÃES, Yara A. F; GIORDAN, Marcelo. Elementos para validação de sequências didáticas. **Encontro Nacional de Pesquisa Em Educação Em Ciências**, v. 9, p. 1-8, 2013. Disponível em: http://www.lapeq.fe.usp.br/textos/fp/fppdf/guimaraes_giordan-enpec-2013.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2026.

MARTINS, Rose Mary Kern. Pedagogia e andragogia na construção da educação de jovens e adultos. **Revista de Educação Popular**, v. 12, n. 1, p.143-153, 2013. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/20331. Acesso em: 10 de abril de 2026.

MELO, Késia Maria Maximiano de; LOPES, Roseli Esquerdo. Modos de vida, experiências trans e enfrentamentos: considerações para a ação técnica em terapia ocupacional social. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 31, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cadbto/a/kPdzY79N7QHYqNhHv5x8R6N/?format=html&lang=pt. Acesso em: 10 de abril de 2026.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.

ROMERO, Márcia Cicci; ALVES, Maria Cristina Santos de Oliveira; DOS SANTOS, Sônia Maria. A andragogia como ferramenta na educação de jovens e adultos. **Linha Mestra**, v. 17, pág. 315-327, 2023. Disponível em: https://lm.alb.org.br/index.php/lm/article/view/1370. Acesso em: 10 de abril de 2026.

SANTOS, Marina Silveira Bonacazata; MIESSE, Maria Carolina; DE CARVALHO, Fabiana Aparecida; QUEIROZ, Leonardo Cordeiro de; SOUZA, Vânia de Fátima Matias de. Escola sem Partido e as discussões de gênero e sexualidade: impactos curriculares. **Linhas Críticas**, [S. l.], v. 27, p. e35543, 2021. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/35543. Acesso em: 10 de abril de 2026.

SOARES, Marina; GASTAL, Maria. Educação Sexual para jovens e adultos: Contribuições ao ensino de Ciências à luz de uma Abordagem Emancipatória**. Revista da SBENBIO**. 5. s/p. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236210067_EDUCACAO_SEXUAL_PARA_JOVENS_E_ADULTOS_CONTRIBUICOES_AO_ENSINO_DE_CIENCIAS_A_LUZ_DE_UMA_ABORDAGEM_EMANCIPATORIA. Acesso em: 10 de abril de 2026.

SOBRINHO, Carolina Carlos da Silva de; ANDRÉ, Bianka Pires. A motivação nos professores da EJA: O desafio de ensinar. **Revista Científica Interdisciplinar**. Nº 3, volume 2, artigo nº 31, Julho/Setembro 2015. Disponível em: https://linkscienceplace.com/index.php/lnk/article/view/134. Acesso em: 10 de abril de 2026.

SOUZA FILHO, Alcides Alves de; CASSOL, Atenuza Piza; AMORIM, Antonio. Juvenilização da EJA e as implicações no processo de escolarização. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 29, n. 112, p. 718–737, jul. 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ensaio/a/4b8tWfCRNXmBxCt8CzC3chQ/?lang=pt. Acesso em: 10 de abril de 2026.

UNESCO. **Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade:** uma abordagem baseada em evidências. 2. ed. rev. Paris: UNESCO, 2019. 147 p.

YIN, Robert. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.

ZABALA, Antoni**. A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

Digitally signed by RECIMA21 REVISTA CIENTIFICA MULTIDISCIPLINAR LTDA:40166538000195.
Timestamp: 2026-05-01 12:25:11 -03.

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC-BY), que permite uso, distribuição e reprodução irrestritos em qualquer meio, desde que o autor original e a fonte sejam creditados.